

AS LETRAS PACIENTES EM PESSOA(S) POR HOMEM COMPLETO

WORDS TAKEN AS PATIENTS ALONG PESSOA'S LITERARY WORK: ON THE COMPLETE MAN

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i25p158-183>

Fernando Ribeiro¹

RESUMO

Neste artigo reflecte-se com base em Fernando Pessoa, – sobre a condição de criador literário em época da modernidade; em suas quatro partes : 1 - Pessoa, por «nova linguagem»; 2 - Ou um caso clínico, Pessoa?; 3 - O «Freudismo»? – pergunta Pessoa; 4 - Do “Homem Completo”; demonstra-se em que medida a ciência da análise da psique não supera a síntese da psique, a qual vigora pela criação literária que responde cabalmente, oferecendo ao homem moderno *adaptação artificial*, para fazer face à época de bárbaros e torná-lo peça integral de Humanidade.

PALAVRAS-CHAVE

Fernando Pessoa; Homem-completo; Adaptação-artificial; Outrar-se; Palavarar.

ABSTRACT

Under Fernando Pessoa's perspective this article reflects upon the pathologic condition of the modern literary creator along its four parts: 1 - Pessoa, and a new language; 2 - A pathological case, Pessoa? 3 - Freudianism? asks Pessoa; 4 - On the complete man; and demonstrates how a literary approach does much more than a psychiatric one, since art aims instead the needed synthesis for the artificial adaptation in order that modern man can face the barbaric epoch and become essential part of Humanity.

KEYWORDS

Fernando Pessoa; Complete man; Artificial adaptation; Becoming Other; Configuring words.

¹ Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

E. Lourenço, *in memoriam*

*As ondas/À espera tornando/A oceano/Às ondas/
E a areia brilhando/Gritando ou sussurrando/
Sob o céu serenando/Ao sol cantando*

in

ppp (Sempre azul) [em dia de Eduardo Lourenço: 1 xii'21]

Arnaldo Brigue

V. Silvestrov: The Messenger (for piano solo) [Hélène Grimaud]

1 PESSOA, POR «NOVA LINGUAGEM»?

Em 24 de Agosto de 1930, Pessoa encabeça um conjunto de dez quadras em rima cruzada, ritmo e musicalidade a gosto popular e de tom sentencioso que integrou *Poesias Inéditas* (Ática, 1956) com: “Deixo ao cego e ao surdo / A alma com fronteiras, / Que eu quero sentir tudo / De todas as maneiras”.¹ Carga poetológica tão avassaladora quanto elemental ilustra postura estética recorrente em Pessoa - semi e plenos heterónimos, cujo desvelo literário revela espírito de modernidade em Pessoa. Este preserva à saciedade a sistemática demanda da modernidade. Retomamos perspectiva, pela qual já Casais Monteiro, em conferência proferida em Instituto Britânico em Lisboa, a 28 de Abril de 1954,² se distinguiu. Mais que circunstanciar acontecimentos da vida de Fernando Pessoa, destacando traços biográficos para enveredar por trajecto de “deduções biográficas” (CASAIS MONTEIRO, 1954, p. 12) - e assim oferecer à constatação pseudo-científica resultados de comprovação precária -, preferimos sublinhar vertente poetológica predominantemente sustentada por *culto-do-pasmo*, a que Pessoa se mantém fiel, pelo deslumbramento, com que pretende incessantemente assaltar a sensibilidade de auditório, distanciando-se de teorias freudianas sobre artista-narcisista cuja neurose se compensa pela criação artística. Onde as raízes dessa nova linguagem?³

¹ <http://arquivopessoa.net/textos/2653>

² Esta conferência: *Fernando Pessoa - O Insincero Verídico*, Lisboa: Inquérito, publicada em 1954, ostenta em epígrafe, texto precioso de Professor E. Lourenço – Prezado Mestre e nosso Amigo e dedicando cuja memória se evoca assim-: “Pessoa limitou-se a pensar sobre o existente, [...] e a compreender que uma consciência está sempre aquém ou além de todas as coisas, mas jamais coincidente com a existência delas”.

³ O *Livro do Desassossego*, iniciado em 1912, com partes publicadas logo em 1913 como «Na Floresta do Alheamento» em 2ª série, vol IV, nº 20, Agosto de 1913, *A Águia* / de Teixeira de Pascoais / assinado F. Pessoa p. 38-42: “Do «Livro do Desassossego» Em preparação” [http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador?id=09613.005.002&pag=13] p. 42 sendo precedida a duas páginas

Pessoa nasceu em 1888, a 13 Junho; em 1914, aos 26 anos, refere em carta a J. Lebre e Lima (3 de Maio) inquietação e incerteza patentes em *Na Floresta do Alheamento*; a sua mãe, em carta de 5 de Junho do mesmo ano, declara-se já consciente de «novo caminho que não vejo»; em outra, a Côrtes-Rodrigues, em 2 de Setembro de 1914, reconhece seu «período de crise»; vem, em Outubro, confessar estar a passar por «período de crise», à qual refere, ainda em Outubro de 1914, depressão profunda e calma à medida que escreve o *Livro do Desassossego* (PESSOA, 1999, p. 111; 11511-6; 127). Em 1915, aos 27 anos confessa a Côrtes-Rodrigues ser assolado por «crise psíquica» (PESSOA, 1999, p. 139), o mesmo ano no qual reconhece a Sá Carneiro, em carta de Dezembro, estar «psiquicamente cercado» (PESSOA, 1999, p. 181); se em 1915, referira a Sá-Carneiro sentir-se perturbado pelo estudo da teosofia (PESSOA, 1999, p. 181-182), em 26 de Abril de 1916, passa inequivocamente por «uma das minhas graves crises mentais» (PESSOA, 1999, p. 211). A este, reitera, a 14 de Março de 1916, não se tratar de loucura o modo como sente o seu «psiquismo com todas as suas atitudes sentimentais e intelectuais» (PESSOA, 1999, p. 209-210). Pessoa sabe-se neurótico e génio e degenerado, levando até às últimas consequências a

por ilustração de Julio Costa intitulada “Cabeça de Velha” [[Revistas de Ideias e Cultura \(slhi.pt\)](#)]. Foi projecto preferido de criação até 1935, referido por Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, Armando Cortes Rodrigues, João Gaspar Simões, entre outros, e do qual excertos foram publicados também em «solução editora» (1929), revistas *Presença* (1930-32), *Descobrimento* (1931), embora com padreação de Bernardo Soares; apresentou inéditos até 1982, ca. de 90% dos textos, cujo estrondoso reconhecimento internacional – Feira do Livro de Francoforte (1985) – começou por dever-se a Jorge de Sena, Jacinto Prado Coelho e Georg R. Lind sob a transcrição de M.-Aliete Galhoz e T. Sobral Cunha, a partir dos anos sessenta, para a editora Ática, como assinala A. Quadros em «Introdução» à edição de Lyon de Castro de Livro de Desassossego (I) 1995² (PESSOA, 1995, p. 12-3; 24-5). A obra teve autoria definitiva de B. Soares [putativo autor de contos], logo a J. G. Simões confessa planificação de publicações em livro de em 28 de julho de 1932, identificada «personalidade literária»: não-heterónimo. Figuraria semi-heterónimo em carta-dos-heterónimos (1935) a A. Casais Monteiro (PESSOA, 1995, p. 29) distinguindo-se B. Soares por modos de ver, sentir, compreender, idear. Repare-se no detalhe de Pessoa ao estabelecer semelhança pelo modo de expôr: diferenciação que se projecta na caracterização cuja maturidade se ganha quando Pessoa em comparação consigo próprio e tenciona dar forma a personalidade de idoneidade literária e humana próprias – “(O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual;)” (<http://arquivopessoa.net/textos/3007>) - de homem desleixado, angustiado, vida modesta de ajudante de contabilista magro e curvado já aos trinta de idade, mas que desafia a expressão em prosa para se outrar, apesar das reconhecidas dificuldades, resistindo a estatuto de forma não-poética consignada pela tradição como se refere em “Do ‘Prefácio’ do apresentador do livro, Fernando Pessoa” (PESSOA, 1995, p. 45). A Pessoa o reconhecido intuito de decompôr o discurso por via da palavra seleccionada em função da reposição da emoção a criar – singular e vetusto *modus faciendi* do tempo e do destino tão bem ilustrados por Júlio Costa nesse nr. de *A Águia* de 1913, sob direcção de Teixeira de Pascoaes.

condição de artista cômico da sua *doença* inata, a qual, vinculando-o à vontade da natureza que por si também encena o drama absurdo da existência, lhe atribui o papel de “destruir no seu espírito qualquer coisa [...] de são, de fraterno e de justo”. – Carta a Destinatário não identificado, 1916 (PESSOA, 1999, p. 225-230). Pessoa assume em manuscrito de “Rascunho duma carta a A. Casais Monteiro” ca. 1935, desdobramento de personalidades que não passa «de um ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha», porque «forma natural do meu espírito» com personalidades diferentes diferenciando-se por ideias e sentimentos próprios, cuja acção dramática se passa em espaço de alma própria (PESSOA, 1966, p. 101-103; 105; 102) por expressão de «inadaptação à realidade da vida» (PESSOA, 1966, p. 104). A aguda consciência mediúnica manifesta-se na «súbita depressão, *vinda do exterior*», aquando do suicídio de Mário de Sá-Carneiro, *in* carta à tia A. L. Nogueira, em 24 de junho de 1916 (PESSOA, 1999, p. 217). Todavia em “Aspectos” ca. 1930, declara, em prefácio de putativa edição de sua “série de livros”, ser - adentro de “meu mester, que é literário” - um “trabalhador científico [...] sem opiniões estranhas à especialização literária”, *fons et origo* da “confeção destas “pessoas-livros” (PESSOA, 1996, p. 100-101). Será embora de destacar a obsessão de criador de “nova linguagem”, pela qual se preteria razão e sentimento e se preferia “a expressão intelectual de uma emoção” (CASAI MONTEIRO, 1954, p. 21) contra estereótipos de época em busca de linguagem poética de poder expressivo pelas palavras soldadas às ideias pela voz (CASAI MONTEIRO, 1954, p. 33-34).

2 OU UM CASO CLÍNICO, PESSOA?

Já a partir dos dezanove anos de idade (1907), Pessoa procurava dar «coordenação direccional exterior à minha vida» para, sem esmagar a emoção nem prejudicar a inteligência, conseguir superar o sentir- «abúlico» e o «não-fazer», devidos a imaturidade de vontade, como confessa em carta aos Irmãos Durville, 10 de Junho de 1919 (PESSOA, 1999, p. 288-290). Compreende-se que se debruce sobre obras relativas à saúde mental escritas por autores como M. Nordau: (*Paradoxes sociologiques* (tradução de 1907), em Março de 1908; e *On Art and Artists* (tradução de 1907), talvez entre 1907-1908; também entre 1907-1908, vê, entre outras, *Traité Pratique des Maladies Mentales* (1890), de Alexandre Cullere, e Edgar Allan Poe, *Sa Vie et son Oeuvre. Étude de Psychologie Pathologique* (1904), de Émile Lauvrière, e ainda *The Insanity of Genius and the*

General Inequality of Human Faculty, Physiologically Considered (3ª ed., 1893, de J. F. Nisbet), *Genius and Degeneration: a Psychological Study* (trad. 1897), de W. Hirsch; e ainda de A. E. Hake: *Regeneration. A Reply to M. Nordau* (1885), o qual terá sido possivelmente lido em 1909 (PIZARRO, 2007, p. 99-100; 125-126). Com tais leituras pretenderia superar tanto « a fear of insanity», através do «étude médicale de mon être» (PESSOA, 2006a, p. 448), como também aprofundar fenómenos de «timidez e originalidade poética», em particular com *Traité Pratique des Maladies Mentales*, 1890, de A. Cullerre, e igualmente com *Sa vie et son oeuvre*, de Edgar Allan Poe, e *Étude de Psychologie Pathologique* (1904), de E. Lauvrière (PIZARRO, 2007, p. 99-100). Que revelará então a carta de 19 de Janeiro de 1915, quando anuncia o propósito de “lançar pseudonimamente a obra de Caeiro-Reis-Campos” (PESSOA, 1986b, p. 97), cujos versos lhe assomam à consciência: “como se lhe fosse ditado” in “Textos de Introdução ao Volume I das Ficções do Interlúdio” (PESSOA, 1986a, p.189)? Heterónimos, atestando respectivas autonomias tão diversas, não desmascararão, quiçá, estas formas de adaptação do poeta moderno à vida sua coeva? Descuraria o «mergulhar na vida»? Não lhe interessaria “destruir” e agir posteriormente sobre a própria vida? - como in “Carta a Destinatário não identificado”, 1916 (PESSOA, 1999, p. 227-229). Pessoa classifica-se do “ponto de vista psíquico um hystero-neurasthenico, [...] com a predominância do elemento hystero na emoção e do elemento neurasthenico na intelligencia e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra)” (PESSOA, 2006a, p. 407) – vide carta a Gaspar Simões, 11 de Dezembro de 1931. Pessoa explica o aparecimento de figuras à sua consciência a Casais Monteiro, por carta de 13 de Janeiro de 1935, em “um livro de versos grande [...] englobando as várias subpersonalidades de Fernando Pessoa elle-mesmo [...]” - contendo seguramente a obra dos seus heterónimos Caeiro-Reis-Campos (PESSOA, 2006a, p. 458-460). **Pessoa um doente psiquiátrico? Paciente histérico-neurasténico?** Pessoa sabe o quanto os seus heterónimos são “traço da histeria” existente [nº 458, Carta a Casais Monteiro in «Autopsychografia» (XIX)] (PESSOA, 2006a, p. 457-464); em esboço de carta a dirigir a A. C. Monteiro, admite ser a sua criação literária «susceptível de interpretação psiquiátrica» (PESSOA, 2006a, p. 456). Actividade literária, «actividade superior do espírito que é», descreve-a em 13 de Janeiro de 1935. Por reveladora de perturbação psíquica? Por constituir realidade aparentada à ou emergindo de fonte de onde também o discurso onírico irrompe? Por tal fenómeno de simulação não passar de realidade

emergente do vislumbrar desta na encontrada «grandiosidade da coerência universal das coisas». Acção inconfundível com o louvor de «seu próprio pequeno eu», para Freud, esta criatividade decorre de humilde postura, atendendo somente a um «mundo onde as pequenas coisas não são menos dignas de admiração nem menos importantes que as grandes». Indícios, pequenos, da personalidade de Leonardo da Vinci terão corroborado a pretensão de Freud ao classificar da Vinci como «próximo do tipo neurótico que designamos como “obsessivo” e a comparar a sua investigação à especulação dos neuróticos e as suas intuições ao que designa por abolias». Não obstante, Freud reconhece nem ser de incluir “Leonardo entre os neuróticos ou ‘doentes nervosos’ ” - tão pouco reitera que “haja que separar claramente saúde de doença, pessoas normais de nervosas, nem que as características neuróticas devam ser consideradas como provas de inferioridade global” (FREUD, 2007, p. 16-17, 84).⁴

3 0 «FREUDISMO» ? - PESSOA

Pessoa reconhece necessariamente o valor de Freud ao considerá-lo «homem de génio, criador de critério psicológico» [nº 413, Carta a Gaspar Simões, 11 de Dezembro de 1931, *in* de Literatura e Psiquiatria (XIII); a sua psiquiatria, os conceitos nº s 3 e 4 de entre os cinco básicos da interpretação psicológica: 1- homem produto biológico da hereditariedade e do meio (Biologia); 2- homem enquanto animal irracional é «soma heterogénea de solicitações inconscientes» presididas por consciência e razão (Psicologia); 3- a sexualidade como determinante dos factos psíquicos (Psiquiatria); 4- toda a superioridade é acompanhada de desvio (Psiquiatria); 5- todo o acto humano é o produto determinado do temperamento e do impulso, ou estímulo externo (Filosofia da Ciência) [nº 409, de Literatura e Psiquiatria (XIII)] (PESSOA 2006a, p. 402-9; 399-400). **Em 1931, considera utilíssimo o «Freudismo» por haver despistado os três constituintes da alma humana: 1- subconsciente; 2- sexualidade; 3- translação [nº 413, Carta a Gaspar Simões, 11 de dezembro de 1931] de Literatura e Psiquiatria (XIII)]** (PESSOA 2006a, p. 399-400; 405). Todavia, Pessoa apenas toma o «Freudismo» como «critério psychologico original e attrahente» [nº 413, Carta a Gaspar Simões, 11 de Dezembro de 1931 *in* «Literatura e Psiquiatria»

⁴ Assinale-se «dispersão fragmentária» e entender de José Augusto Seabra para quem hermeneuta visará reconstruir a estrutura do texto poético em primeiro lugar ao «nível do objecto e do sujeito poético» (SEABRA, 2009, p. 25).

(XIII)], um «estímulo à argúcia crítica» [ainda o nº 413, Carta a Gaspar Simões, 11 de Dezembro de 1931] de «Literatura e Psiquiatria» (XIII), e não um «dogma científico ou leis da natureza»; assume a complexidade indefinível da alma humana como muito mais vasta que a sexualidade, pela qual Freud a quer explicar [nº 411 e nº 413 [Carta a Gaspar Simões, 11 de Dezembro de 1931] de «Literatura e Psiquiatria» (XIII)], (PESSOA, 2006a, p. 400-401). “Crise” psíquica em Pessoa, não derivará afinal das impaciência e incompatibilidade resultantes do confronto com todos quantos optam por uma prática decorativamente artística? Não admitia apenas a atenção à importância **misteriosa do existir** em função do, para si indispensável, «alargamento da consciência da humanidade»? Ao optar por imagens mais fiéis ao existir simples, destacando assim esse fluxo de inefabilidades resultante da vida e da morte com tal distanciamento – *detachment* –, não pretenderá Pessoa levar seu auditório - sempre por ser leitor colectivo e nunca pessoal - a assumir respectiva existência como sortilégio por linguagem anterior a qualquer código linguístico standardizado? Enquanto criador moderno sabe «trabalhar» a harmonia entre as fases: de «exaltação» e de «depressão» do seu psiquismo [nº 346, de Ethopathologia (X)] (PESSOA, 2006a, p. 315), ao transmudar tão «automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti» [(nº 413, Carta a Gaspar Simões, 11 de Dezembro de 1931, Literatura e Psiquiatria (XIII)] (PESSOA, 2006a, p. 407). Os seus heterónimos são exercício de singular expressividade: o facto literário singular cumpre tanto mais com o «despersonalizar» quanto com um «diz-personalizar» entendido como o «falar alto de quem lê» (frag. 192, PESSOA, 1982, I, p. 219), qual prazer putativamente subjectivo inerente à emoção que todo o acto-de-ler comporta para aceder à criação resultante de quem «sonha alto», [nº 455, «Aspectos», (1930?), de «Autopsichographia» (XIX)] (PESSOA, 2006a, p. 387; 315; 407; 454), e do qual todo o criador moderno se quer tornar destaque distinto. O «novo», assim encontrado e em exploração pela arte moderna congrega tanto essência revolucionária quanto consciência e responsabilidade como característicos de missão paradigmática de criador moderno; Pessoa nunca deixaria de visar remodelação do subconsciente nacional, como intentou em «Mensagem» [nº 458, cf. Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13 de Janeiro de 1935, *in* «Autopsychographia» (XIX)] (PESSOA, 2006a, p. 458). Urgia destacar da humanidade personalidades a aprofundar pela literatura para decadência coeva fosse superada e o tão naturalmente sentimento moral fosse

substituído pelo artístico com propósito determinante: **fomento do predomínio do magistério da inteligência sobre o da emoção** [(nº 281 de «History of a Dictatorship»; nº 429 de «Erostratus» (XVIII)] (PESSOA, 2006a, p. 458; 262; 432). Mais que adaptar-se ao presente, Pessoa **anseia adaptação ao génio** [nº 406, «A Nova Poesia Portuguesa - Defeza e Justificação» in «Literatura e Psiquiatria» (XIII)] (PESSOA, 2006a, p. 396-7); perfilhando mentor soberbo – Shakespeare – enaltece a indispensabilidade de **homem de génio** em meio social vital por excelência. Para Pessoa, serão – já que *trabalhador científico* – as **observação, expressão, comparação e reflexão distintivos de génio**; refuta as excentricidade e insanidade imanes a louco; prefere sejam estas matéria a ser boleada pela inteligência, fazendo com que a consciência da missão não se divorcie «da renúncia e do silêncio» (abnegação e silêncio na criação em modernidade e nunca ideia romântica de criador de inspiração ou luta por destaque individualista) [nsº. 424, 429 de «Erostratus» (XVII); nº 441, «A Imoralidade das Biografias» in «Sobre a Arte e o Artista», (XVIII); nº 452 de «Autopsychographia» (XIX)] (PESSOA, 2006a, p. 429; 432; 441; 449)⁵. Perfilha a condição de génio como paradigma de artífice em Modernidade cujos «dramas em gente» sejam vividos e de tal modo que «fundamente na sua vida essencial» [nº 291 de «History of a Dictatorship» (IX)], socialmente também, o que, entre criador e criação, figurará sob expressão de «silêncio e poesia» [nº 458, Carta a Casais Monteiro in «Autopsychografia» (XIX)]. Pessoa remete-nos tão-somente para a «índole expressiva» [nº 455 de «Aspectos», in «Autopsychografia» (XIX)], pela qual a **obra de arte moderna só o é se** «espelho caído sentiente virado para a variedade do mundo» (frag. 239, I, PESSOA, 1982, p. 264-267); PESSOA, 2006a, p. 266; 459; 453.). Sabe Pessoa quanto os seus heterónimos serão «traço da histeria» existente [nº 458, Carta a Casais Monteiro, in «Autopsychografia» (XIX)] - admite-lo em esboço de carta a dirigir a Adolfo Casais Monteiro: a sua criação literária, «susceptível de interpretação psiquiátrica», mas também «actividade superior do espírito que é» (13 de

⁵ Génio, aquele que sabe abstrair do accidental e do temporal enquanto prossegue paralelamente à normalidade humana sem perder o pé em plena realidade e sem perder de vista a «vida» [(nº 165 in Génio, Loucura e Degenerescência Projectos (I)] (PESSOA, I, 2006, p. 148-9); e que, na sua diferenciação face aos demais produtos da vida social, augura o equilíbrio entre real e ideal ao reter, pela sua criação estética, qual manifestação social das emoções transitivamente coordenadas [nº 161, 162, 163 in Génio, Loucura e Degenerescência Projectos (I)] (PESSOA, 2006a, p. 139-142), a coesão colectiva como força comum despoletadora das prosperidades material e moral (nº 164, Genius and Insanity de Génio, Loucura e Degenerescência Projectos (I); nº 298 de History of a Dictatorship (IX) (PESSOA, 2006a, p. 147-150; 266-8) - eis a mais-valia atribuída por Pessoa.

Janeiro de 1935) - tão real por emergir da mesma fonte dos sonhos. E se seus heterónimos são simulação, esta estratégia decorre de pessoal “tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação” [nº 458 de Autopsychographia (XIX) Carta a A. C. Monteiro]. Assim não encara a «manifestação de desordem dos sentimentos» como loucura, [nº 283 de History of a Dictatorship (IX); nº 458 de Autopsychographia (XIX), Carta a A. C. Monteiro, dirá Pessoa : « Nesta altura estará o Casais Monteiro pensando que má sorte o fez cair , por leitura, em meio de um manicómio.»]: estas manifestações de despersonalização manifestam-se apenas na criação literária [nº 458 de Autopsychographia (XIX), Carta a A. C. Monteiro]. Estado intrínseco ao momento de composição, semelhante a um extâse, desmesurado alheamento; estado de criação lúdico-inconsciente similar ao imaginado em Shakespeare em estado de sã-loucura, de imaginação activa e produtora de obras de arte [nº 456 de Autopsychographia (XIX)] (PESSOA, 2006a, p. 459; 263; 463; 456; PESSOA, 1986a , p. 181). Sente-se próximo deste génio de subido valor, por almejar criação estética [nº 285 de History of a Dictatorship, (IX)] de expressão propositada da emocionalidade latente [nº 453, Carta a I. Durville, 10 de Junho de 1910] (PESSOA, 1986a, p.450); [nº 162 de Génio, Loucura e Degenerescência Projectos] (PESSOA, 2006a, p. 264; 450; 141). Pessoa aceita interpretação psiquiátrica das normais actividades superiores da mente/psique, por geradoras da superioridade manifesta, por exemplo literariamente, quiçá fruto de neurose, mas de mérito por “revealing the extent to which we can analyse the human soul – the rest of him is nothing” [nº 411 de “Literatura e Psiquiatria” (XIII)](PESSOA, 2006a, p. 403; 405; 401; 404; 401). E remata: que psiquiatra estude literatura, caso queira sobre esta opinar [nº 407 de “Literatura e Psiquiatria” (XIII)].⁶ Constatação de semelhanças entre frases estranhas de poetas e as de loucos não confere

⁶ Todas as traduções: nossas. Torna-se particularmente interessante sublinhar que em período de plena assumpção por F. Pessoa de semi-heterónimo Bernardo Soares como autor de *Livro do Desassossego*, que S. Zweig (1881-1942) haja publicado, em 1931, *Die Heilung durch den Geist: Mesmer- Mary Baker-Eddy - Freud*, obra na qual havia defendido algo semelhante a Pessoa: “Face a esta fome de fé da alma, a gravidade fria e clarividente da psicanálise, e respectivo rigor e objectividade rígida, não oferece qualquer sustento. Fornece conhecimento e nada mais e como carece de todo um acreditar no mundo, nunca pode passar de uma visão da realidade, jamais se tornando mundividência. [...] Soluciona, analisa, tria, mostrando a qualquer existência o sentido respectivo, mas não sabe como ligar toda esta miríade de partes atomizadas à luz de um sentido comum. Para completá-la verdadeiramente à luz da criatividade aplicada à respectiva forma de pensamento analítico e esclarecedor, teria de surgir uma outra ainda - unificadora e aglutinadora – a psicossíntese da psicanálise” (ZWEIG, 1986, p. 375). Não seria a arte moderna essa forma de configurar a síntese do que em alma de mundo e de humanidade sempre se assomara e de cuja consciência esta época se fazia lábaro?

autoridade a psiquiatras para opinarem sobre criação literária. A estes, por apenas lidarem com doidos [(nº 407 de «Literatura e Psiquiatria» (XIII)], não lhes reconhece gabarito bastante para transformarem análise psiquiátrica em critério estético [nº 404 de «Literatura e Psiquiatria» (XIII)].⁷ Pessoa pergunta declaradamente: poderia a psiquiatria, enquanto ciência visando revelar «estigmatas de degenerescência» em **homens, «os incompletos»** [nº 434 de «Sobre a Arte e o Artista» (XVIII)], adequar-se, como método de interpretação, à poesia de homem de génio almejando com a sua obra «não esta gente sacrílega, estetas, aristocratas [...] os incompletos» (PESSOA, 2006a, p. 436) distintos do “Homem Completo”? Não radicará a obra literária moderna em espaço de anterioridade, de sincronicidade, de ubiquidade a que, entre outras formas e posturas literárias, o exercício soberano do humor, da ironia (CASAI MONTEIRO, 1954, p. 29), dá forma, na consecução do princípio do «*detachment*» - esse «poder de afastar-se de si mesmo» pelo qual se manifesta «desenvolvimento da largueza de consciência» (PESSOA, 2000, p. 373)? Não será criação literária moderna apenas a busca-de-interpretação do real, histórico naturalmente e da humanidade primordialmente, com vista a tornar a vida de exterioridades por viveres-moveres em sobre-viver liderado por imaginação com vista a arredar vazios e a atrair perspectivação do complexo?⁸ E este princípio fundamental em Pessoa, será de ordem pessoal, subjectivo, ou antes nacional, patriótico dirigido a seu Portugal, para não esquecesse imperiosidade de **supra-poeta e assim se recolocar na «essência da civilização»**? Pessoa deseja-se “criador de mitos” supremo paradigma da humanidade: “Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade” (PESSOA, 1966, p. 100)⁹ – civilizado, porquanto dominando em absoluto a expressão pela ironia:

⁷ Pessoa estima o valor do «dito espírito» **emergindo do fundo da sua alma, ditando-lhe rostos e vozes que encarnam no silêncio** da sua poesia, dando cumprimento à **missão** de em linguagem translata dar voz a significações subscientes - os heterónimos são afinal criados pela palavra: o «poetodrama decorre do poemodrama», como refere J. A. Seabra (1988, p. 52). Todavia este sentido de missão confere justamente o sentido maior à sua obra por, na determinação de conferir **realidade ao irreal**, acabar por criar **irreal tão real**; acaba afirmando-se «são louco» como homem de génio que avisadamente «entrega» à Europa o seu rosto português com que fita «o futuro do passado» - *in* «O dos Castelos» (PESSOA, 1979, p. 21).

⁸ «Mover-se é viver, dizer-se é sobreviver [...]. Não creio que a história seja mais, [...], que um decurso de interpretações, [...]. O romancista é todos nós, e narramos quando vemos, porque ver é complexo como tudo.» dirá B. Soares para se perceba quanto o nó górdio está na arte da translação, (frag. 520, II, PESSOA, 1982, p. 264) Fase «diarística e confessional» segundo António Quadros (org.) *in Livro do Desassossego*, por Bernardo Soares, Vol II. Fernando Pessoa. Mem Martins: Europa-América, (PESSOA, 1989, p. 14).

⁹ E sem deixar de ser «trabalhador científico» nem de negar qualquer opinião filosófica quanto à sua «confeção destas pessoas-livros», Pessoa sintetiza assim classificando sua criatividade (PESSOA, 1966, p. 100-101).

personalidade una e indivisível”; 3- “Dogma da objectividade como ‘Objectivismo Pessoal’ (PESSOA, 1986a, p. 95-98). Estes sim os esteios da «ficção teológica» no âmago da civilização (PESSOA, 1986a, p. 95-98). A estratégia de Pessoa consiste afinal em criar personalidades, através das quais o outro se possa libertar. De quê? Da desadaptação de que a sensibilidade hodierna é alvo devido a pujante criação de estímulos gerados pela evolução científica ocorrida na «nossa época» (PESSOA, 1986a, p. 93-94); obviar a tal «desadaptação», só por solução: «adaptação artificial» enquanto resposta coerente a civilização coeva (PESSOA, 1986a, p. 93-94). Afinal a mais-valia da criação literária do homem de génio comunga da condição essencial: comunicar “aos outros da nossa identidade íntima com eles” com dilecta “linguagem ideal da alma” para “fazer os outros sentir o que nós sentimos, em os libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa **personalidade para especial libertação**” (PESSOA, 1995, p. 133). Em Campos, com vista ao fortalecimento da psique humana, oferece 1- interpenetração com as almas alheias; 2- [incoerência por natureza presente em cada qual visto o respectivo psiquismo ser] “agrupamento de psiquismos subsidiários”; 3- condição de “harmonia entre as subjectividades alheias” (PESSOA, 1986a, p. 96-97). Esta nova arte moderna, expressão de homem-de-génio não deve por isso ser “expressão da época simplesmente”, afectará antes “Entre-Expressão”, não afecta a alguém em particular, mas “a um certo número de outros”, quer do passado, quer do futuro, quer do presente acolhendo ubiquidades, simultaneidades, sincronicidades¹⁰. Ao criador de obra de arte moderna, o saber gerir a

¹⁰ “One hallucinated conscious of his hallucination” (PIZARRO, 2016, p. 264).

Aqui um modo de confirmar segredo de F. Pessoa que, a par de imensas personalidades literárias, ou/outras, não cessava de inventar e dar configuração heteronímica expressa e em estágio mais ou menos embrionário. Afinava assim por diapasão singular, e comum a qualquer ser humano dotado de capacidade de expressão, permitindo-nos corroborar tese, segundo a qual criar personalidades literárias acontece com propósito e tomada de consciência e de projecção finamente literária escorada embora por conhecimentos mais ou menos fundamentados de ciência psicanalítica. Uma destas entidades, datada de 1907, à qual Pessoa destinava projecto literário *The Book Friar Maurice* é Friar Maurice. Em toada ciclotímica, F. Maurice apresenta-se “Half of me is noble great, and half of me is little and vile. Both of them are I” (Pizarro 2016: 264). Mas interessa-nos sublinhar o alcance desta vertente supra individual como F. Pessoa sempre destacou e esta sua entidade literária não menos ilustra: “[...] But will the acts of my life, those private, near to me be good and pure? What does the future hold – the future of what *less*, of what *more* is *me*? (Pizarro 2016:265). Peculiar esta interrogação, porquanto decorrente da incerteza do futuro? Jamais! Sobremodo, antes da particularidade de no futuro tudo ser configurável histórica - como se veio a verificar pela criação poética de F. Pessoa e *tutti quanti* – e literariamente por ser de interacção neurobiologicamente comprovada que a criação resulta por crescimento e dinâmica emocional em intérimo amadurecimento. Registemos mesmo complexo psíquico de que literariamente dá conta Nobel da literatura Hermann Hesse em *Der Steppenwolf* coevos, ao criar personalidade literária lobo-das-estepes/Harry Haller sofrendo *in limine* de estado psicótico, mas de recuperação para a vida pela própria vida, oferecendo-lhe o humor como estratégia a que haveria

emocionalidade e efeitos sobre o auditório, pelas mais variadas formas estéticas atendendo à reconfiguração das reconhecidas contradições e dissemelhanças reflexo da assumpção de suas múltiplas personalidades e respectivos organizados estados de alma em reconfiguração estética¹¹. É da postura do artista moderno o culto apurado de “erudição da sensibilidade” (PESSOA, 1995, p. 97) bem como a artifício da criação moderna sistematizadamente conseguida, o qual ocorre em criação de como constatável em artistas europeus sob influência de Baudelaire e Poe, entre outros, e do grupo dos quais Pessoa é membro reconhecido, embora apenas a partir de anos oitenta do XX (PESSOA, 1995, p. 13) porque o sentido da modernidade sempre consistiu - como B. Soares assevera (PESSOA, 1995, p. 97): “A verdadeira experiência consiste em restringir o contacto com a realidade e aumentar a análise desse contacto. Assim a sensibilidade se alarga e aprofunda, porque em nós está tudo; basta que o procuremos e saibamos procurar”. Aprofundar a sensibilidade, analisar todo o ínfimo detalhe e criar a partir do que de mais fundo o indivíduo consegue cultivar em si e em diálogo com a obra do Grande Arquitecto (PESSOA, 2006, p. 458). Poeta sim, consciente do seu medo de raiar a loucura por ser sempre animado pela filosofia, como declara em textos da primeira década de XX, mas sempre com um sentido patriótico inexecedível, por nunca desperdiçar a - com garbo atingida nesta década - maleabilidade de seu intelecto cujo alcance lhe permite entrar em qualquer estado de alma, *i.e.*, de imaginação sem limites. Por isso para Pessoa na percentagem que partilha com ou ainda por B. Soares a arte – distinta de viveres e agires- apenas, sendo expressão intelectual da emoção, a esta se remete com vigor claro de revivificar a vida via obra, pela qual o sonho se transporta para auditório confrontando-o

de saber dar forma de amadurecimento estético e ganho psíquico assinalável em futuro seu e de humanidade como deixa em prefácio de autor factício: “[...] um da época, porque a doença mental de Haller – sei-o hoje – não é um capricho de um único homem, mas sim a doença da própria época, a neurose de toda uma geração, a que Haller pertence (HESSE, 1982, GW VIII:203) [traduções nossas].

¹¹ Será que escrever em extâse, como confessa Pessoa a A. C. Monteiro, em treze Janeiro de trinta e cinco, ca. seis meses antes de seu passamento, nos permite assimilá-lo ao universo dos **alienados mentais criativos**? Sabemos embora haver Pessoa explicado os heterónimos pelo «fundo traço de histeria que existe em mim [...] um histeroneurasténico», sendo homem assumido que sabe verter despersonalização e simulação naturais, as quais tomamos por postura profundamente lúdica radicando seguramente em propósito por poesia de silencio e modernidade. Postura essa respaldada em “serôdio” animismo infantil por sabermos quanto apreciava brincar com crianças de seus próximos: em entrevista a irmã do poeta, D^a Henriqueta M. Rosa Dias, esta declara ter F. Pessoa «uma paciência infinita» no trato com os sobrinhos: Maria Manuela e Luís Miguel a quem «adorava fazer surpresas»; com a própria D. Henriqueta mal a via “começava a fazer de bêbedo: andava aos ziguezagues, tropeçava, tirava o chapéu ao candeeiro” (PESSOA, 1986c, p. 257-258).

através de linguagem própria, literária, com a emoção que sobra por ter ficado inexpressa na vida (PESSOA, 1995, p. 208). Por isso a figura-sujeito que se desdobra em reflexões pelos seus apontamentos putativamente diarístico-confessionais redigidas por semi-heterónimo de Fernando Pessoa em 1931, sente para seja vertido em escrita o sentido, o qual confessa seu desígnio: verter em palavras ornamentadas com imagens e ritmos o que quer se pense com o sentido de por um lado “destruir-se” e por outro “recompor-se” (PESSOA, 1995, p. 112). Aqui a técnica de Pessoa que faz da sua metáfora meta-metáfora - que elucida valor e sentido de metáfora sobre imagem, comparação, alegoria - por através de toda a metáfora a vida ganhar a iluminação do seu propósito. Porque “Há metáforas que são mais reais que a gente que anda na rua” (PESSOA, 1995, p. 183). Escopo desta obra de arte da Modernidade será Super-Homem «esculpido» por arte «Síntese-Soma»-«de-Outros», tão «Abstracta» quanto capaz de aproximar-se da “Verdade-Infinito” para que se constitua cada vez mais em “aproximação concretizada do Homem Completo: Homem-Síntese da Humanidade” (PESSOA, 1986a, p. 96, 85).¹²

4 DO “HOMEM COMPLETO”

Não importará a Pessoa redefinir atribuições do sujeito poético moderno, em função de ingente problemática em época de degenerescência, na qual criador se vê confrontado com a imprescindibilidade de réplica inédita? Não estará igualmente a deslocar a grandeza desta réplica para afirmação de expressividade do **Novo**¹³ em discurso literário? Problematização a estar patente quer em fundo quer em forma ao longo de culto de nova sensibilidade poética pela Modernidade? E fá-lo-á sem descurar equilíbrio entre manifestação da individualidade? Retiráramo protagonismo à obsessão: universalidade que toda obra estética almeja? O espaço de criador literário moderno coincide com o “admirar a beleza das coisas” e simultaneamente o “descortinar [...] a alma poética do universo”

¹² Em 1917, Pessoa publicava “Ultimatum”, de autoria de A. Campos, no nº 1 da *Portugal Futurista*; aqui proclamou “intervenção cirúrgica anti-cristã” que fomentasse a “Ditadura do Completo” capaz de criar cientificamente Super-homens, de entre os quais quer o homem de ciência quer *a fortiori* o homem das artes de personalidade tão-só múltipla quanto necessária à *Média* resultante da adaptação às exterioridades *in* <http://arquivopessoa.net/textos/456>].

¹³ Em «Die Moderne», H. Bahr (1863-1934) sublinha como o *novum* na literatura moderna colhe valor por triangulação entre sensação, sentimento, pensamento para que de densa decantação aconteça discurso literário, pelo qual símbolo novo acolha equilíbrio entre exterioridades e interioridades - (BAHR, 1890: passim) http://www.lyriktheorie.uni-wuppertal.de/texte/1890_bahr.html [traduções nossas]

e, distanciando-se do império das sensações com o remeter-se ao seu “sentido interior”, diferenciando-se “dos outros homens”, sentindo-se impulsionado por filosofia¹⁴. Em Pessoa, mentor da Modernidade em Portugal, a sensação será “coada” pela inteligência pura e analisada superiormente até ganhar forma literária de vulto e relevo: “Escrevo, porque esse é o fim, o requinte supremo [...], da minha cultura de estados de alma” como esclarece em “Educação Sentimental” (PESSOA, 1989, p. 67).¹⁵ Ou

¹⁴ Esta questão, a do relacionamento do homem moderno com a realidade coeva, pela qual se alonga a sua existência, releva de consciência de sensibilidade, dos nervos e respectivo ditado, como anota crítico austríaco H. Bahr, de importância paradigmática para a época da modernidade, ao assinar “*Die Überwindung des Naturalismus*” (1891), no qual sublinha a carga simbólica que assiste a impressões, sensações por exterioridades contingentes destacadas do real como postura de resistência ao carácter abstracto, alegórico também, cultivado por tradição. O que já Baudelaire deixara expresso em «*La Modernité*» (1863): “Il s’agit, pour lui [solitaire doué d’une imagination active], de dégager de la mode ce qu’elle peut contenir de poétique dans l’historique, de tirer l’éternel du transitoire. [...] La modernité, c’est le transitoire, le fugitif, le contingent, la moitié de l’art, dont l’autre moitié est l’éternel et l’immuable. Il y a eu une modernité pour chaque peintre ancien. [...] Cet élément transitoire, fugitif, dont les métamorphoses sont si fréquentes, vous n’avez pas le droit de le mépriser ou de vous en passer. En le supprimant, vous tombez forcément dans le vide d’une beauté abstraite et indéfinissable [...] Malheur à celui qui étudie dans l’antique autre chose que l’art pur, la logique, la méthode générale! Pour s’y trop plonger, il perd la mémoire du présent”, in [https://fr.wikisource.org/wiki/Le Peintre de la vie moderne/IV](https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Peintre_de_la_vie_moderne/IV) [traduções nossas].

Afinal somente se trata de assinalar como H. v. Hofmannsthal (1874-1929) faz em ensaio literário intitulado *Ein Brief* (1902): “E tudo isto é uma espécie de pensar febril, mas um pensar por meio de uma matéria, mais imediata, fluida, radiosa que as palavras. São igualmente como vórtices, mas que parecem não levar como as palavras da língua para o vazio, mas de algum modo para dentro de mim mesmo e para o seio mais profundo da paz” (HOFMANNSTHAL, 1902) in <https://www.reclam.de/data/media/978-3-15-019503-1.pdf> [traduções nossas].

Estádios de criação sistematizados por este escritor crítico ensaísta de origem austríaca como o da consciência de estado psíquico pela emocionalidade anterior à consciência da respectiva expressão:

“Afinal o que teria isso a ver com compaixão, com encadeamento racional do pensamento humano, se numa outra tarde sob uma noqueira encontrar um regador meio cheio ali esquecido por um ajudante de jardineiro e se este regador e a água dentro dele fica tenebrosa pela sombra da árvore, e um alfaiate voga à superfície desta água de uma margem sombria para a outra e se a concentração destas insignificâncias me provocam uma emoção carregada de tal presença do infinito desde a raiz dos cabelos até à ponta dos pés que gostaria de verter em palavras [...] caso desse com elas” (HOFMANNSTHAL, 1902); aqui o escopo singular: colocar receptor em comunicação com paz-por-silêncio de epifania de mistério-do-existir, ao qual criador literário moderno acede e quer dele dar conta sob forma estética: “Cada um destes objectos e milhares de outros semelhantes, sobre os quais habitualmente um olhar com natural indiferença se desloca, pode, para mim, ganhar repentinamente num dado momento, sobre cuja ocorrência não tenho qualquer poder, um cunho superior e comovente para cuja expressão todas as palavras me parecem demasiado pobres”] (HOFMANNSTHAL, 1902). [in <https://www.reclam.de/data/media/978-3-15-019503-1.pdf>] [traduções nossas].

¹⁵ É assim que “Milímetros (sensações de cousas mínimas)”, 1914, traduz a postura estética do poeta que, em *Livro do Desassossego*, assume perspectiva teorizadora via ensaio - sem demérito de passagens em prosa cuja imagens e metáfora nada ficam atrás do versolibrismo de Caetano de Campos. Porquê? Por assumir claramente o valor das coisas mínimas sem importância alguma social ou prática como apanágio de artista moderno a par de demais europeus - de seu conhecimento ou não: “[...] o maravilhoso fútil, o glorioso infinitesimal fica onde está, [...] vive liberto e independente” (PESSOA, 1989, p. 50-51), para que “mistério do desassossego” saia destacado com a “contemplação das pequeninas coisas”, atracção natural enquanto conseguir chamar a atenção para o sortilégio, por exemplo, provocado por pequena pedra suscitando contemplação de natural mistério-do-existir respectivo. Tal significa que criador de obra literária moderna não se atém à representação de realidade baseada na memória sustentada em instrumentos lógico-rationais que fariam remeter o auditório

como Benjamin igualmente defende, ao analisar o magistério moderno de Baudelaire: almejar reconhecimento adequável ao cultivado pela arte da Antiguidade (BENJAMIN, 2006, p. 88-9; 84, 82); a criação de “imagens originais” arvoram-se na melhor expressão do espírito fugaz e transitório da civilização moderna, logo que a realidade, nos seus aspectos mais ínfimos – “as mais pequenas coisas” – se vê traduzida em figuras literárias latentes reconfigurando “os processos banais para aproximar deles o poético” (BENJAMIN, 2006, p. 72; 100). Pessoa defende, ca. 1916, em “fundamentos do sensacionismo”, a geração de *Orpheu*, tomada como reduto de “uma riqueza de sensação, uma complexidade de emoção, uma tenuidade e intercruzamento de vibração intelectual” - reflexos de um “estádio civilizacional” - e destaca como “a emoção, a inteligência, a vontade participam da rapidez, da instabilidade e da vontade” próprias da época. Natural “o estado normal” na maioria dos homens modernos coevos fosse tomado como palco de “tensão nervosa”, próprio de manifesta neurastenia em plena aterradora 1ª Grande Guerra. Daí que tomasse o poema por “um ente vivo”¹⁶. Reconhecesse o “drama interior à linguagem poética” e agisse dando à LUZ a “rede construída de diferenças e de identidades que dialogam entre si, resultando numa pluralidade de sujeitos-heterónimos” (SEABRA, 2009, p. 26). O próprio Pessoa reconhece os “desdobramentos de personalidade” designando-os “invenções de personalidade diferentes” – as quais pensava integrar em “Ficcões do Interlúdio” e as distinguindo por “tom especial” projectando emoções, as quais por técnica de composição, estilo, mais corroboram a distinção da personagem cuja forma de expressão, intencionalmente poética, foi escolhida para justamente potenciar pretensão de “se outrar” (PESSOA, 1966, p. 105-106). Tomamos por simples e prática

para um reconhecimento identificador, mas antes para evocação de proto-realidade; a esta ter-se-ia acesso somente por proto-memória (*Ur-Erinnerung*) (BALL, 1927, p. 111); e também por via da expressão de emocionalidades suscitadas por apetência para valorizar encontros insólitos no quotidiano do sujeito moderno (BALL, 1926, p. 10): e este revelar-se-ia assim mais sensível a interpretação simbólica fruto de exercício de respectiva imaginação activa como W. Dilthey (1833-1911) em *Dichterische Einbildungskraft und Wahnsinn* (1886) já aludia (1886, p. 28-29); e, assim acontecerá igualmente, para a atenção a estados interiores que o sujeito moderno fica desperto. Justamente para interpretar a razão de tal atracção, em estado de devaneio e como também refere B. Soares, por grau de significação universal, a qual por isso mesmo será comungada por homem **moderno completo** porque consciente de seus nervos - como refere um dos mais importantes teóricos modernos da literatura alemã Hermann Bahr - , e respectivo ditado em *Die Überwindung des Naturalismus*: “O Novo Idealismo é expressão dos novos homens que são nervos; todo o diverso está morto, inerte e ressequido. Eles experienciam apenas e mais com os nervos, reagem apenas e mais completamente através dos nervos. Nos nervos dão-se os respectivos factos e dos nervos decorrem os efeitos respectivos. Mas a palavra é da razão ou da sensação; eles podem fazer uso dela como linguagem floral; o seu discurso é sempre metáfora e imagem” <https://www.univie.ac.at/bahr/sites/all/ks/2-ueberwindung.pdf> [traduções: nossas].

¹⁶ <http://arquivopessoa.net/textos/1941>

a sua estratégia: 1- pela poesia será mais fácil “se outrar”; 2- pela “despersonalização, ou seja [...] imaginação” se construirá “um poeta dramático escrevendo em poesia lírica”; 3- pelas “ cousas indefinitivas” incluir-se-á horizonte tão amplo quanto o poeta conseguir configurar (PESSOA, 1966, p. 105-6). Seu discurso é vertido em personagem confidente, em discurso indirecto livre e ou monólogo interior, por tratar-se de **falar alto** como em *Livro do Desassossego* ou poemas cuja expressividade se corrobora pela palavra, através da qual encena silêncio sentido e quiçá sonhado - assim destaca da realidade esse dinâmico auto-confronto entre Ser e Não-Ser concedendo à linguagem a forma poética quer em prosa quer em poesia por oxímoros, antíteses, metáforas *in absentia*, hipálages, antanáclases, comparações e imagens invulgares, a fim de pôr a “falar o próprio silêncio” (SEABRA, 1988, p. 85) mais silenciosamente¹⁷. A arte literária moderna em Pessoa corresponde-se com, e opondo-se a, realidade civilizacional também decadente, exercitando-se em perspicuidades via discurso-de-exegese indispensável ao existir coevo – retome-se *Sensacionismo* (ca. 1916) - : sempre à luz da *nossa* sensação das coisas; assinalando pela “consciência da sensação” a única realidade, a da arte, por intelectualizável, **potenciadora** de inúmeras outras sensações sob reconfiguração singular e inédita. Recupera, é certo, a herança do Simbolismo, exímio na expressão da desfocagem do mundo segundo estados mentais avessos ao “normal equilíbrio das sensações”, origem de triangulação: 1- sensação; 2- sugestão; 3- construção (PESSOA, 1999, p. 237-240), indispensável por “supremamente” interpretativos da vida colectiva ao agir sobre esta (PESSOA, 1966, p. 227). Em “Ode Marítima”, Campos exemplifica: “Tema de cantos meus, sangue nas veias da minha inteligência, / Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética,”; reiteramos o quanto a sua criação estética não-aristotélica se impõe ao auditório por inteligência, mesmo que emocional, sempre em busca de “metáforas, imagens, literatura, /porque em real verdade, a sério, literalmente, / Minhas sensações são um barco de quilha prò ar, / [...] E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!” (PESSOA, 1978b, p. 170). Leva-nos Pessoa a ver, quanto tal estado-de-espírito da época - *Zeitgeist* - em “países no auge da vida industrial e comercial” e também em “outros, mais apagados e quietos” - comum a toda a Europa é o do “estado das almas” subsumido em “rede de nervos”

¹⁷ Bahr em “*Symbolismus*” refere o valor do discurso onírico e *mutatis mutandis* esse modo enigmático de o discurso moderno ilustrar uma *Littérature à rebus* (BAHR, 1892) [in http://www.lyriktheorie.uni-wuppertal.de/texte/1892_2bahr.html]

(PESSOA, 1966, p. 164-165). A condição do poeta moderno em Pessoa: a do resiliente em civilização de cujas ansiedades quer ser expressão para representá-la *metaforicamente* e transformá-la *realmente*. A Côrtes-Rodrigues, em 19 de Janeiro de 1915, Pessoa sublinha não “fazer arte meramente pela arte”; a importância que para si a vida assume, fá-lo reconhecer não poder criar “sem a consciência de um dever a cumprir para com nós-próprios e para com a humanidade”; distancia-se da “futilidade literária”; como homem de génio cumpre com “acção sobre a humanidade” e sobre o “psiquismo nacional”, em particular, ao “encarar a sério a arte e a vida” (PESSOA, 1999, p. 139-141). Prestidigitador de heterónimos, é-o pela distância útil-prática - modo dramático de “sentir na pessoa de outro” - por defrontar a sério tanto a arte como a vida, mas construídas com a insinceridade própria da estética-pelo-pasmo (PESSOA, 1986b, p. 97), com que as emoções criadas de modo tão «sincero, intelectualmente insincero» se erigem, como declararia em *Sudoeste* (Novembro, 1935), (PESSOA, 1986a, p. 236-237). Eis utensílio – metáfora - diferenciador de criação literária moderna pela verdade por construir «palavras verdadeiras» por «a única verdade, que é a literatura» visar solução dos enigmas representados (frag. 149, I, PESSOA, 1982, p. 166) e visar representação dos enigmas “por palavras verdadeiras” representados (frag. 144, I, PESSOA, 1986, p. 159)¹⁸ e do qual semi-heterónimo faz alarde. Observador rigoroso, criador de literatura da Modernidade, como B. Soares bem personifica, “côa” (frag. 122, I, PESSOA, 1982, p. 126) de entre “os milhares de vozes [...] milhares de vidas” (frag. 89, I, PESSOA, 1982, p. 94) expressão de que se servem figuras emergindo dos “recôncavos absurdos das emoções perdidas” cujo maior desafio para o artista moderno será o respectivo “fotografar por palavras” (frag. 130, I, PESSOA, 1982, p. 139) assim destacando o valor do sonho desse *dictum* de que poeta moderno é expressão sendo simultaneamente movido por obcecada *anamnesis* pela arte-da-diferenciação entre “Arte” e “Vida” (frag. 155, I, PESSOA, 1982, p. 173). Trabalhar transitivamente a verdade à luz das “metáforas que são mais reais do que a gente que anda na rua”, como registra semi-heterónimo B. Soares é preservar “dever-nato de intérprete de uma parte do nosso século” (PESSOA, 1995, p. 183; 315). Assim executa

¹⁸ As citações em seguida identificadas por frag. – fragmento – acrescido do respectivo número seguido em nr. árabe, volume, são extraídas da edição de 1982 pela editora Ática do *Livro do Desassossego* organizado por Jacinto Prado Coelho – Liv. I: 1-283; Liv. II: 284-520. Recordamos A. Caetano afirmando-se sumo-intérprete da natureza (Poema XXXI) (1978:54), personagem heterónima tão do agrado do semi-heterónimo B. Soares assumido respigador dos mistérios confluindo incongruentes pela vida do criador por entre as “vozes dos vencidos do mundo” (frag. 125, I, PESSOA, 1982, p. 133), a fim de coligi-los em livros à sua guarda.

também a sua criação na e pela Modernidade, interagindo com a sua época - sempre por prospectiva pretensão de “ensinar as verdadeiras regras do viver”, e não apenas aos mortos (PESSOA, 1995, p. 183; 315). O presente nos seus estados mentais projectados nas mais infinitesimais cenas, objectos – “quadros intérimos” - perpetua-se através do sonho expresso pela pureza sob a a forma: “metáfora erguida dentro de mim em Realidade Absoluta” (PESSOA, 1989, p. 67). Por a poesia ser decifrável em tudo, mesmo nas coisas mais ínfimas (PESSOA, 1989, p. 50-51). Espera por isso pelo indetectável **Destino**, pai de homens e deuses para, como afirma sob o magistério de A. Campos em «Ode Marítima», evocar e pedir intercessão: “Fornecei-me metáforas imagens, literatura,” (PESSOA, 1978b, p. 170). A. Caeiro afirma-se sumo-intérprete da natureza (Poema XXXI) (1978a, p. 54) assumido respigador dos mistérios com vista a descerrar-lhes a carga estética? *A anteriori, a posteriori, a fortiori*? Consciente da psicologia alheia, pela qual e por sua «mão» domina a humanidade inteira (frag. 374, PESSOA, 1982, p. 118-119), o moderno criador, B. Soares, renuncia à e despreza a subjectividade pretensiosa (frag. 217; frag. 190, I, PESSOA, 1982, p. 244-5; 214-215); pretere-a à humilde intercepção (frag. 230, I, PESSOA, 1982, p. 255) das emoções perscrutadas em gente “com o sonho [...] da estupidez” (frag. 125, I, PESSOA, 1982, p. 134) , de modo a que a vida, *inclusive* a do poeta, não deixe de ser: 1- mistério para os outros (frag. 202, I, PESSOA, 1982, p. 231); 2- «o comum com singularidade» (frag. 177, I, PESSOA, 1982, p. 201). Criador poético moderno é visionário de singularidades capaz de: 1- «fotografar em palavras» (frag. 130, I, PESSOA, 1982, p. 139); 2- compor processos mentais em palavras (frag. 374, II, PESSOA, 1982, p. 117); 3- decifrar o mundo a partir da pequena aldeia-cidade – como a de Caeiro (frag. 140, I, PESSOA, 1982, p. 151) - partindo das emoções «literais» em função das emoções a criar, i.e. ,as factícias: as literárias (frag. 230, I, PESSOA, 1982, p. 255); 4- ser expressão de «outridade» (frag. 230, I, Pessoa, 1982, p. 256); 5- ser potência da imaginação (frag. 230, I, Pessoa, 1982, p. 256).

E assim sendo e criando, significará ser psiquicamente toldado, patologicamente classificável?

A modernidade vai de par com a metafórica-da-emocionalidade, da qual o cultor moderno parte, configurando campo elementar da visão para em interacção jogar com as várias fontes de percepção e assim deixar sobressair imagem emergente de singularidades contidas não no facto, mas no estado mental, de alma sendo todavia conteúdo exclusivo da vida,

em condição ultra, “superiormente” (frag. 360, II, PESSOA, 1982, p. 97) prática como o aprender o “como do como” (frag. 283, I, PESSOA, 1982, p. 319) e o trabalho pela imaginação para chegar ao “Outro” [Outridade] (frag. 230, I, PESSOA, 1982, p. 255-6). Em todo o “sensacionista”, as sensações são “simultaneamente *sentidas e expressas*” (SEABRA, 1988, p. 181) quer na forma subjectiva de Campos construir a expressão poética do seu sentir tudo (SEABRA, 1988, p. 177) quer na forma objectivista total de Caetano. Pessoa dá assim vida, por meio da linguagem poética, às coisas porquanto lhes define a identidade. A vida comum continua sendo respeitada sobremodo logo o criador em Modernidade supere a sensualidade real (frag. 15, I, PESSOA, 1982, p. 15) através da sensibilidade estética comprovada pelo pudor, em função do qual o sujeito poético se desdobra por «palavrar» (frag. 15, I, PESSOA, 1982, p. 15) segundo uma “estética da Indiferença” (frag. 358, II, PESSOA, 1982, p. 94-5):

sem exibição, com pudor, com abstracção, com serenidade face ao saber ubiquitar-se “em multidão de seres” (frag. 25, I, PESSOA, 1982, p. 28-9) e aprofundando-se à medida que se renova – “sentindo tudo de todas as maneiras”, “descascando” as sensações a partir de dentro (frag. 30, I, PESSOA, 1982, p. 32), despindo-se das várias sensações: “outrar”-se *i.e.*, ser outros “seres conscientes e inconscientes” (frag. 25, I, PESSOA, 1982, p. 29) – sentir cabalmente sempre diverso (frag. 101, I, PESSOA, 1982, p. 106). A metafórica no criador literário em Modernidade serve só “estética da Indiferença” (frag. 358, II, PESSOA, 1982, p. 94-5) à medida que, pelo culto do “pudor de si próprio” (frag. 358, II, PESSOA, 1982, p. 94), realiza a “estética do artifício” (frag. 204, I, PESSOA, 1982, p. 232) denunciando o “confidenciar”, o “confessar” como “a mais vil de todas as necessidades” (frag. 450, II, PESSOA, 1982, p. 193) contrária à criação estética da Modernidade por não querer perturbar a putativa personalidade formada na abnegação, recusando todas as ambições subjectivas. O criador em Modernidade almeja, por via de tal exercício de expressão, o “homem completo”, como tão bem Soares, ca. 1914, advoga como navegante insigne porque “navegar é preciso” (frag. 195, I, PESSOA, 1982, p. 223), - assim concordando com Caetano; este em “A espantosa realidade das coisas” publicado em *Athena* nº 5, e datado de 1913-15, verte em verso: “Basta existir para se ser completo” (PESSOA, 1978a, p. 81)¹⁹, a fim de “salvaguardar a

¹⁹ Ao dar a reconhecer as várias personalidades que vai criando, faz jus ao vórtice intérmino de quadros transbordando da alma humana (frag. 279, I, PESSOA, 1982, p. 313) – e pelo peculiar “processo de construção

nossa personalidade” através de cujo *detachment* - ironia excelsa - surge como arma ponderadamente manuseada para fazer a nave tornar viagem em “era metálica de Bárbaros” (frag. 447, II, PESSOA, 1982, p. 191).

O criador poético moderno acomete insigne contra as frequentes imprudência e ausência de sageza hodiernas fadoras de “opiniões definidas e certas, instintos, paixões, e carácter fixo e conhecido” contra as quais já Campos poética e poetologicamente se arremessara (frag. 453, II, PESSOA, 1982, p. 194) na defesa de fortaleza que mais inexpugnável e indevassável quer preservar em época de civilização bárbara: o homem hodierno. O espaço criado ao longo de e durante o momento-de-epifania, como aquele no qual obra, auditório e artista modernos, segundo semi-heterónimo B. Soares, o acolhem para se decifre mistério-do-existir, é obra de arte moderna por excelência; espaço, no qual quer ubiquidade (frag. 25, I, PESSOA, 1982, p. 28-9) quer simultaneidade (frag. 394, II, Pessoa, 1982, p. 140) vogam em interioridade psíquica de destinatário consolidando respectivas alma nacional e opinião pública a ritmo só ganho se homem individual e em humanidade se distinguirem de homem técnico, pragmático. Ao criador moderno, o assumir a sua obra poética enquanto realização do **existir-aí** no lugar e no tempo que se objectivam pela palavra prodigalizando, em concreção, a psique e respectivas dimensões espaço temporais oniricamente edificadas.

Tentando emular conscientemente criação tão elementar, visa explorar pelo discurso a riqueza em enigmas, nos quais a alma humana é fértil, por saber podê-la “descascar” translatamente *ad infinitum* – deixando assim incólume o núcleo que augura infinito assim cultivando a convicção de se aproximar do momento do vislumbrar a original elementaridade da arquetípica personalidade da humanidade por e em Homem Completo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *La Fin du Poème*. Clamecy: Circé, 2002.

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

criadora”, segundo J. A. Seabra, “potencialmente aberto e infinito” desafiando-se destinatário por via dialógica heteronímica (1988, p. 53), i.e., a natureza em si da modernidade em F. Pessoa..

PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por G. R. Lind e J. Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1996.

PESSOA, Fernando. *Correspondência 1905-1922*. Org. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. *Crítica- Ensaios, artigos e entrevistas*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

PESSOA, Fernando. *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Fernando Pessoa, vol.VII, tomo I, Lisboa: INCM, 2006a.

PESSOA, Fernando. *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Fernando Pessoa, vol.VII, tomo II, Lisboa: INCM, 2006b.

PESSOA, Fernando. *Eu sou uma antologia - 136 autores fictícios*. Ed. Jeronimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta da China, 2013.

PIZARRO, Jeronimo. *Fernando Pessoa:entre génio e loucura*. Edição crítica de Fernando Pessoa, v.III. Lisboa: INCM, 2007.

SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. Lisboa: INCM, 1988.

SEABRA, José Augusto. et al. *Fernando Pessoa*. Bruxelas: Orfeu, 2009.

ZWEIG, S. *Die Heilung durch den Geist – Mesmer-Mary Baker-Eddy – Freud*. F/M: Fischer, 1986.

SITIOGRAFIA

BAHR, Hermann. "Die Überwindung des Naturalismus", 1891. Disponível em: <https://www.univie.ac.at/bahr/sites/all/ks/2-ueberwindung.pdf>

BAHR, Hermann. "Die Moderne". In: *Moderne Dichtung*. Monatsschrift für Literatur und Kritik, 1890. Disponível em: https://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1890_bahr.html

BAHR, Hermann. "Symbolismus". In: *Die Nation*. Wochenschrift für Politik, Volkswirtschaft und Litteratur, 1892. Disponível em: https://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1892_2bahr.html

BAUDELAIRE, Charles. *Le Peintre et la Vie Moderne*. *Le Figaro*, 26 e 29 Novembro e 3 Dezembro de 1863. Disponível em: <http://charles.baudelaire.perso.sfr.fr/LePeintreDeLaVieModerne/LePeintreDeLaVieModerne1.php>

HOFMANNSTHAL. *Hugo v. "Ein Brief"* (Brief des Lord Chandos an Francis Bacon). *Der Tag*, Berlim, 18 e 19 de Outubro de 1902. Disponível em: <http://www.zeno.org/Literatur/M/Hofmannsthal,+Hugo+von/Essays,+Reden,+Vortr%C3%A4ge/Ein+Brief>

Recebido em 21 de agosto de 2021

Aprovado em 23 de setembro de 2021

Fernando Ribeiro

Professor do Centro de Humanidades e Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Este artigo teve o apoio de CHAM (NOVA-FCSH/Uaç pelo projeto estratégico FCT (UIDB/04666/2020).

Contato: f.ribeiro@fcsn.unl.pt

 <http://orcid.org/0000-0001-8345-5606>

A *Revista Desassossego* utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.